

# Formação Continuada de Professores: Uma ênfase cultural



## Paulo Freire: Pedagogia do Oprimido

### 3. A Dialogicidade: Essência da Educação como Prática da Liberdade

Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira

Neste capítulo Paulo Freire (1987) apresenta o âmago de seu pensamento sobre a forma de desenvolver a educação como prática da liberdade. Para isso, esclarece alguns dos conceitos fundamentais como: dialogicidade, diálogo, palavra, tema gerador, codificação e descodificação.

Neste texto vamos trabalhar os pontos essenciais do capítulo para que o leitor compreenda a intensa ação e comprometimento político-cultural do educador ao desenvolver sua teoria de alfabetização e pós-alfabetização de pessoas que só na vida adulta foram alfabetizadas.

#### A dialogicidade

A parte central deste capítulo é a dialogicidade e seu papel na educação libertadora. Paulo Freire apresenta que a dialogicidade tem, no diálogo, sua essência e este, por sua vez, tem sua essência na palavra.

O papel que assume a palavra para Paulo Freire (1987) é em função desta se constituir de duas dimensões extremamente importantes: a ação e a reflexão, em interação radical. Para Freire (1987, p. 44), “Não há palavra verdadeira que não seja práxis”. A perda da interação entre essas duas dimensões leva o diálogo para diferentes resultados. Se a ação é sacrificada, a palavra se torna apenas “palavreria” ou “blá, blá, blá”, e, se a reflexão é sacrificada, a palavra se torna “ativismo”. A cisão das dimensões da palavra a torna uma palavra inautêntica, alienada e alienante.

A dialogicidade, o diálogo e a palavra, com suas duas dimensões (ação e reflexão), pronunciam o mundo e, ao pronunciá-lo, o problematizam e ao problematizarem, o transformam. Para Freire (1987, p. 44, grifos do original) “existir, humanamente, é *pronunciar* o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo *pronunciar*”. Isto é o que a educação libertadora deve fazer, uma vez que o homem se faz na palavra, na reflexão-ação, no trabalho, e isto constitui a *práxis*.

O diálogo, sendo a base dessa educação, informa que este só acontece quando a palavra é dita com o outro. A definição de diálogo para Paulo Freire é exatamente o encontro com o outro, no entanto, esse encontro não se esgota na relação eu-tu, por ser mediatizado pelo mundo, o que leva o diálogo a não ser ato de depositar ideias de um sujeito para outro, nem ser uma imposição ou simples troca de ideias. A crença do autor é a de que “o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens” (FREIRE, 1987, p. 45). Assim, o processo de educação se desenvolve pelo diálogo, pela problematização do mundo vivido pelos sujeitos e expresso pela palavra, e pela ação de transformação.

O diálogo assume papel fundamental na educação como prática da liberdade por ser o encontro em que os homens se solidarizam no refletir e agir sobre o mundo a ser transformado e humanizado. Com essas características, o diálogo é um ato de criação e de recriação, é um ato de libertação do homem. No entanto, isto se dá quando há um verdadeiro diálogo, um encontro respeitoso e solidário de pronunciamentos do mundo. Na filosofia de Paulo Freire, o diálogo é uma exigência existencial. E isto é tão necessário, que deixa de existir se não houver fé no poder do homem de se fazer e refazer, na sua vocação de “ser mais”<sup>1</sup>. A fé genuína nos homens é, para Paulo Freire, um dado *a priori*<sup>2</sup> do diálogo. Ele adverte que sem essa fé, o diálogo é uma farsa e se transforma em uma manipulação paternalista.

---

<sup>1</sup> Lembrando que, não significa ser mais que o outro, mas se refere ao próprio sujeito que, consciente de ser inacabado, inconcluso, se insere num movimento constante de busca do “ser mais”, de busca por humanização. Ver: ASSIS, Jorge. **Paulo Freire: Vocação do Ser Mais**. Publicado em 6 de setembro de 2015. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DO8O12ByrF8>>. Acesso em: 11 jan. 2019.

<sup>2</sup> *a priori* : é uma expressão usada para fazer referência a um princípio anterior à experiência. É usado para indicar “aquilo que vem antes **de**”.

## Educação Dialógica e Diálogo

Uma educação pautada na dialogicidade, fundada no diálogo, é a que se dá numa relação de humildade, de encontro e de solidariedade, numa relação pedagógica horizontal e de confiança. É uma interação entre homens e mundo, uma interação de contribuição, de crença na capacidade do outro de “ler” o mundo e de o ver como processo em constante devir, como temporal e não como um determinismo arbitrário e externo aos homens.

O diálogo é o fundamento da pedagogia freireana por ser uma comunicação pelo qual o homem pensa o mundo, um pensar refletido sobre ele que o pode transformar e transformar os próprios homens ao transformar o mundo. Para Freire (1987, p. 47), o diálogo “se instaura como situação gnosiológica<sup>3</sup>, em que os sujeitos incidem seu ato cognoscente sobre o objeto cognoscível que os mediatiza”.

O papel essencial do diálogo na educação libertadora começa na forma de buscar o conteúdo programático. Ele ocorre antes do encontro educador-educando. O conteúdo é buscado a partir das visões ou pontos de vista dos homens sobre o mundo vivenciado, que está impregnado de anseios, de dúvidas, esperanças e desesperanças. Estes se tornam em temas significativos para a problematização, que é uma etapa do processo de educação, porque surgem do contexto vivencial, da visão pessoal da realidade dos indivíduos.

O conteúdo não é uma imposição, ou um conjunto de informes a ser depositado nos educandos (como é a educação bancária). O papel do educador nessa relação dialógica é para Paulo Freire (1987, p. 47) “a revolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo, daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada”. O conteúdo a ser trabalhado, que objetiva a transformação de uma realidade, se torna educação libertadora porque não visa a adaptação dos homens ao contexto, ou a doutriná-los e dominá-los numa ação apassivadora. Muito ao contrário, visa a transformação da realidade opressiva.

---

<sup>3</sup> Gnosiológica – vem de gnosiologia, do grego gnosis, 'conhecimento', e logos, 'discurso'. Também chamada teoria do conhecimento, é o ramo da filosofia que se ocupa do estudo do conhecimento. É a reflexão em torno da origem, natureza e limites do ato cognitivo.

O conteúdo para ser um meio de educação libertadora, se organiza a partir da situação presente e concreta dos educandos, refletindo o conjunto de suas aspirações. Por isso, o conteúdo reflete um contexto específico. O educador auxilia o indivíduo a problematizar essas questões e a desenvolver um pensar mais crítico sobre elas, propondo como reflexão as contradições básicas da sua situação existencial presente e concreta. O papel do educador é provocar respostas aos desafios encontrados. Respostas tanto no nível intelectual, como no nível da ação, uma vez que é uma educação política.

O autor adverte que o educador não deve dissertar sobre as questões a serem trabalhadas, ou trabalhar conteúdos que pouco tenham a ver com as esperanças do povo, com seus temores de consciência reprimida. Seu papel jamais será o de falar sobre a sua visão do mundo, mas sim o de dialogar sobre as visões que o povo tem sobre o vivido, o experimentado, o cotidiano. Enfaticamente Paulo Freire (1987, p. 49, grifo do original) diz: “A ação educativa e política não pode prescindir do conhecimento crítico dessa situação, sob pena de se fazer “bancária” ou de pregar no deserto”. O conjunto dos temas em interação constitui o “universo temático”, ou o conjunto dos temas geradores. Os temas geradores são sempre relativos à época e sociedade em que o povo vive. Por isso, os temas são diferentes e próprios de cada comunidade. Há, no entanto, problemas sociais que são gerais à toda comunidade oprimida e estes podem ser de toda a humanidade, de um país, ou de uma região. Estes temas são legítimos de serem trabalhados se forem trazidos pelos próprios sujeitos.

A metodologia de investigação dos temas geradores se desenvolve também na dialogicidade. O que o educador investiga é o pensamento-linguagem referido à realidade e os níveis de percepção dessa realidade. O homem, porque é um corpo consciente, vive uma relação dialética entre os condicionamentos de sua época e a sua liberdade. Os condicionantes formam, no dizer de Paulo Freire, as situações-limites que coisificam o homem. Estas situações, no processo da educação libertadora, não devem ser tomadas como barreiras, como obstáculos à sua libertação, mas ser tomadas como situações desafiadoras que precisam ser transformadas, criando uma ‘nova’ realidade histórica por meio de uma ação transformadora consciente. O homem quando desprovido do desenvolvimento da sua capacidade crítica, tende a “mitificar” essa realidade. Para Freire (1987, p.

52), “através de sua permanente ação transformadora da realidade objetiva, os homens, simultaneamente, criam a história e se fazem seres histórico-sociais”.

Assim, os temas geradores são os temas oriundos da vivência, da experiência da vida concreta daquela época. Seus valores, suas concepções, seus desafios, tornam-se os “temas geradores epocais”. Por isso, eles são sempre os encontrados na relação homem-mundo. A investigação dos temas geradores capta esse “universo temático” que não estão isolados, mas sempre em interação, e podem ser localizados em círculos concêntricos que partem dos mais gerais, ao mais particular, como por exemplo: temas universais (a dominação que se encontra em toda sociedade); temas continentais (como o subdesenvolvimento de muitos países); temas nacionais (o desemprego); temas regionais (o analfabetismo); temas locais (a falta de saneamento, de asfalto, de água encanada, de posto de saúde etc.). No entanto, enquanto os temas não são percebidos pelos sujeitos, não são refletidos e entendidos, a ação de transformação não tem como ocorrer, o envolvimento de todos fica prejudicado, a situação limite não é transcendida e a ação libertadora pela educação não se dá.

Cabe ao educador o esforço de propor aos indivíduos a análise crítica das dimensões significativas da sua realidade, partindo da totalidade para as partes, em suas interações e possibilitando, por meio desta análise, uma nova postura frente a dimensão significativa-existencial. Isso implica na circularidade do todo às partes e das partes ao todo e a compreensão resultante desse processo ganha nova significação.

A postura ativa dos educandos tanto na metodologia de investigação dos temas geradores como no desenvolvimento da educação como prática da liberdade, difere da postura de objetividade metodológica que separa o sujeito do objeto. Na postura ativa que possibilita a tomada de consciência, o objeto de análise não existe fora do homem, por ser a realidade vivida e experimentada. Investigador e povo são os sujeitos do processo, cuja finalidade é a sua transformação. Como o objeto de análise da metodologia da investigação dos temas geradores é a situação vivencial, esta sempre se renova, ampliando a análise e as relações dos temas.

Para a busca dos temas geradores, Paulo Freire (1987) fala que o educador deve visitar o local de trabalho dos indivíduos, conhecer suas atividades de lazer, conversar com as pessoas em suas casas, entender a relação marido-

mulher, pais-filhos, conhecer os valores, a cultura, os costumes. O investigador fará isso com “mirada” crítica, compreendendo as suas partes e a organização particular que se forma por meio dessa cultura. O investigador registra as expressões do povo, sua linguagem, suas palavras, sua sintaxe (o que não é registrar seu problema de sintaxe, sua pronúncia defeituosa, mas a forma que ele constrói seu pensamento). O relatório feito após visita será discutido nas assembleias para, com o auxílio do investigador, decodificar as situações oferecendo possibilidades plurais de análise.

Para auxiliar no processo de descodificação, Paulo Freire (1987) sugere que as reuniões contem com dois outros especialistas: um psicólogo e um sociólogo, os quais auxiliam na observação das reações dos indivíduos, dos sentimentos expressos por palavras e atos, do clima da reunião. Estas anotações poderão ser discutidas com todos, favorecendo uma mais acurada análise do conteúdo que se transformará em conteúdo pedagógico, o que leva para a última etapa da metodologia de investigação dos temas geradores. Nesta última etapa, educadores e educandos passarão para o estudo sistemático e interdisciplinar dos resultados discutidos. É então elaborado um programa, é confeccionado o material didático como: escolha dos textos, seleção de figuras, *slides*, fotografia, filmes, cartazes etc.

O processo de conhecimento é também de criação e ação, de encadeamento dos temas significativos, de problematização, de interpretação crítica dos problemas e de envolvimento histórico-cultural.

A educação libertadora não tem programa *a priori*, pois busca a temática significativa e, nessa investigação, tanto o investigador como os indivíduos são sujeitos do processo. A investigação da realidade do povo só pode ser feita com ele, uma vez que os homens são seres em “situação” e se encontram enraizados em condições tempo-espaciais que os marcam. De forma dialética, os homens também marcam as situações, na medida em que, desafiados por elas, agem sobre elas. A conscientização da situação possibilita o desvelamento e este possibilita uma nova consciência histórica. Paulo Freire (1987, p. 58) é enfático ao dizer:

Neste sentido é que toda investigação temática de caráter conscientizador se faz pedagógica e toda autêntica educação se faz investigação do pensar. Quanto mais investigo o pensar do povo com

ele, tanto mais nos educamos juntos. Quanto mais nos educamos, tanto mais continuamos investigando.

Na educação como prática da liberdade, como problematizadora e dialógica, jamais o conteúdo será depositado nos indivíduos, pois se organiza e se constitui na visão de mundo deles.

Os temas geradores captados dentro da totalidade, jamais serão tratados esquematicamente, pois perderiam sua força, sua riqueza, esvaziando-se de seu significado. Para Paulo Freire (1987), todo ato educativo é um ato político, que leva a um compromisso social de transformação e libertação. Não há educação neutra. Se a educação pretende ser neutra, ela se torna apenas pura repetição ou transmissão inerte de saberes, e está longe de ser uma ação reflexiva e de levar à *práxis*.

Uma política educacional que aposta na ingenuidade da consciência mágica e não na consciência crítica das pessoas, está longe de ser educacional, tornando-se massificadora e manipuladora das consciências.

Seguida à metodologia de busca do tema gerador, vem a metodologia de ação sobre os temas refletidos. Essa etapa acontece após o desvelamento, o desmascaramento da mitificação da situação-limite. A ação esclarecida do homem sobre essa situação-limite é uma ação política de des-velamento, de transformação dos supostos determinantes históricos. Leva à descodificação da situação-limite.

Estes encaminhamentos compõem a filosofia da educação que Paulo Freire expõe detidamente nesta obra “Pedagogia do Oprimido”. O autor deixa claro que isto não se configura um método de educação e que não se pode, a não ser erroneamente, dizer que esse é o método Paulo Freire. A base desta teoria de educação está assentada numa visão de mundo, de homem, numa antropologia, e só alguém que compartilhe tal visão poderá entendê-lo e aplicá-lo. Para Paulo Freire o ser humano apreende seu mundo por sucessivas aproximações e é um eterno ser aprendente, porque o objeto que é seu mundo vivido, sempre revela coisas novas e se desdobra em novas dimensões.

Este capítulo tratou dos elementos constituintes da educação libertadora, problematizadora e dialógica que adquirem, no pensamento de Paulo Freire, dimensões existenciais, ético-políticas e metodológicas.

No próximo texto trataremos do capítulo 4 da obra “Pedagogia do Oprimido”, em que Paulo Freire (1987) analisa as teorias da ação cultural antidialógica.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.